

Adultos podem ter vergonha de participar, mas brincar também é bom para eles, diz educador, no Dia Mundial do Brincar



Brincadeiras para curtir a natureza mesmo morando na cidade

Marcella Franco
Fórmula

Quando a gente é criança, todo dia é dia de brincadeira. É só quando se cresce que isso muda, e aí acontece algo frequente no mundo dos adultos, que é ter uma data específica para "o dia especial de celebrar alguma coisa" — no último domingo (28), por exemplo, foi o Dia Mundial do Brincar, quando parece que está liberado para os adultos se divertirem também. Brincadeiras à parte (e perdão pelo trocadilho), o fato é que adultos são pessoas que brincam bem menos que crianças. Uma das razões para isso seria que, à medida que crescemos, temos mais responsabilidades e preocupações com coisas como trabalho, estudos e cuidar da casa e da família.

Quem diz isso é o psicopedagogo Junior Cadima, especialista em desenvolvimento infantil aplicado à educação e psicomotricidade — em resumo, ele entende bastante de brincadeira. "Os adultos também podem se sentir envergonhados ou achar que brincar é coisa de criança. No entanto, é importante lembrar que brincar também é bom para eles. A brincadeira pode trazer alegria, relaxamento e diversão, além de estimular a criatividade e a imaginação", ensina Junior.

Ele recomenda que quem é criança tente convidar mais vezes os mais velhos para participar das brincadeiras. "Uma maneira de fazer isso é compartilhar com os adultos o quanto você se sente feliz quando eles passam tempo junto com você brincando", propõe. "Você pode sugerir atividades que os adultos possam realizar, como jogos de tabuleiro, caminhadas na natureza, andar de bicicleta ou até mesmo brincar em parques. Também é importante ter paciência e compreender que os adultos podem estar ocupados,

mas lembrá-los gentilmente da importância de dedicar tempo para brincar em família."

Junior sabe que nas cidades é comum que se more em apartamentos, com pouco acesso à natureza. E, segundo ele, estar em contato com as coisas lá de fora, seja da forma que for, é importante porque nos permite conhecer o mundo ao nosso redor. "Nos últimos tempos, temos observado que as crianças têm brincado menos ao ar livre devido a algumas mudanças na nossa sociedade. Muitas vezes temos mais opções de atividades dentro de casa, como videogames, computadores, tablets e jogos", analisa.

"Além disso, os pais, por preocupação com a segurança, podem ficar receosos de deixar as crianças brincarem soltas do lado de fora. No entanto, é importante encontrar um equilíbrio." Para ajudar nisso, ele elaborou uma lista de dez brincadeiras que todo mundo pode fazer, tanto quem mora em casa, quanto quem mora em apartamento. Escolha sua favorita e convide os adultos para participar.

Pisar descalço

Busque um lugar aberto na rua ou condomínio em que seja possível se sentar e fique descalço. O objetivo é observar as sensações despertadas pela experiência. Por isso, preste atenção se a areia/grama está fria ou quente, se faz cócegas e o que está sentindo.

Pegar folhas, flores e gravetos

Explore os locais externos e calçadas ao redor, e saia em busca de tesouros naturais. Pegue folhas coloridas, flores e gravetos caídos no chão e de árvores localizadas no trajeto. Observe suas formas, suas cores e suas texturas variadas. Leve os elementos para casa e guarde-os, porque são importantes — eles são pedras da natureza assim como as conchas, por exemplo, e

você pode usá-los depois para outras brincadeiras.

Sentir cheiro de flores e ervas

Separe ervas como a hortelã, a arruda e o manjericoão, e passe perto do nariz. Anote em um papel tudo o que sente e se gosta daquele cheiro ou não. Além dos cheiros, peça ajuda a um adulto para fazer um chá com algumas ervas, para estimular o paladar. Faça um chá da tarde e divirta-se com a companhia de adultos!

Quadro da natureza

Ande pelo ambiente externo do condomínio ou pelas calçadas ao redor e pegue folhas, pedras, gravetos e outros elementos naturais que considerar interessantes (ou, se já tiver feito a brincadeira 2, use o que já foi coletado). Com estes elementos, crie uma moldura no chão e produza um quadro. Posicione as folhas, flores e gravetos em um formato que achar interessante. Uma alternativa é fazer uma moldura com papelão e colar os elementos nela.

Moldura

Pegue um papelão e faça a silhueta de uma árvore. Com uma tesoura com pontas arredondadas e a ajuda de um adulto, recorte e tire a parte das folhas da árvore, deixando o tronco. O objetivo é que o papelão fique vazado na parte verde da árvore. Agora, com o material pronto, é hora de explorar espaços dentro de casa ou ambientes externos. Use a moldura e observe por meio da parte vazada elementos diferentes para formar as folhas da árvore.

Fazer uma horta no apartamento

Não é necessário um jardim ou um terreno grande para plantar e cultivar plantas. Monte uma horta com a ajuda de um adulto dentro da varanda do apartamento ou em um ambiente iluminado. Utilize vasos ou recipientes, terra, co-



Isabela V. G., 7 anos, mostra um de seus 'tesouros' recolhidos na rua e que agora vai servir de material para arte



lher, água e algo para forrar o chão onde o plantio será realizado — pode ser plástico, jornal, papelão... Preencha os vasos com a terra e depois plante as sementes. Cuide e acompanhe o crescimento das plantas.

Brincando com argila

A argila é um material prático e divertido. Organize um lugar dentro do apartamento ou na área externa. Estenda uma toalha, um plástico ou tapete para a brincadeira ser realizada em cima. Explore, modele e crie diferentes formas usando a argila. Dê vida à sua imaginação enquanto explora a textura maleável do material, e crie figuras de que goste como se fossem estátuas e obras de arte.

Bolha de sabão

Faça uma solução de água e sabão em um recipiente. Pegue duas varetas (ou palitos de churrasco) e dois pedaços de barbante, com a ajuda de um adulto. Usaremos esses materiais para produzir o "lança bolhas de sabão": um pedaço fleará em linha reta unindo as duas varetas e o outro pedaço, formando um arco, unindo as duas varetas. Explore os ambientes ao ar livre do condomínio para fazer e ver as bolhas flutuarem ao vento. Brinque estourando as bolhas

ou veja quanto tempo elas podem durar, antes de desaparecerem.

Seguindo o desenho com pedrinhas

Busque pedras de tamanhos e formatos diferentes do lado de fora de casa, ou nos vasos que sua família coleciona. Escolha um local apropriado no chão e use as pedras recolhidas para seguir um desenho pré-definido, ou erle seu próprio caminho. Você também pode seguir a silhueta de um desenho e preencher dentro com os elementos, ou colocar em cima da linha.

Avião de papel

Separe uma folha sulfite, faça a dobra-dura de um avião e brinque. Pode ser dentro do apartamento ou em ambiente aberto. Dá pra fazer competição do avião que vai mais longe, jogar contra o vento, a favor do vento, medir a distância atingida, tentar derrubar um objeto com o avião...



"Viver com alegria pelo prazer de servir"
Academia Maçonica de Letras/MS

Quebra do sigilo da confissão no Brasil Colonial (Cotidiano e vida privada na América Portuguesa)

Carlos Frederico Corrêa da Costa

Apesar das recomendações e conselhos, o tribunal da confissão apresentava um dos espaços onde mais frequentemente os sacerdotes resvalavam na disciplina eclesiástica. Muitos e muitos desobedeciam às Constituições, ouvindo suas penitentes dentro da sacristia, no alpendre das casas, sentados na rede ou indecentemente vestidos. Outro tanto de confessores afugentava os fiéis, com cenas vexatórias.

O padre Antônio Alves Vaz, vigário em Sergipe, ao confessar uma crioula na capela do Bom Jesus da Continuída, saiu do confessorário gritando: "Cuidei achar gente

honrada e de vergonha, não encontrei senão mulheres prostitutas e homens infames".

Em Mariana o padre José Gouveia trazia uma bengala no confessorário e, certa feita, levantou-se e disse: "Já me admirava que entre tantos não viesse um ladrão", pegando um negro pelas orelhas e punhando-o; em seguida foi tomar tabaco, dizendo que "não se pode aturar negros".

Mais grave ainda o padre Francisco de Paula Bernardes, assistente na Igreja da Sacra Família, no Rio de Janeiro, negava-se a confessar quem não lhe desses presentes; ao índio Mariano exigiu meio alqueire de arroz pilado e a Manuel Avelar perguntou: "O que me trazes?". Como o

fiel respondesse "trago uma leitosa", resolveu-se a confessá-lo. Provocou escândalo ao excomungar a um surdo pelo simples fato de ter se confessado noutra freguesia sem lhe pagar.

Para mais fácil e segura a confissão dos pecados, a teologia moral e o código canônico estabeleceram uma regra áurea nesse controvertido sacramento, tão questionado pelos literatos, o sigilo.

Conforme o texto constitucional, o sigilo da confissão era "uma obrigação que o confessor tem de não manifestar os pecados que lhe confessam e procede do direito natural e humano". Deveria ser estritamente observado, não sendo lícito ao confessor

descobrir os pecados que na confissão se lhe manifestam, nem para livrar a própria vida, porque de outra maneira, seria a confissão odiosa".

Os clérigos coloniais descumpriam, fundamentalmente regulamentação, tornando público o que lhes fora confiado em absoluto sigilo. Na freguesia dos Carijós (Minas Gerais), o padre Manuel Vaz de Lima é acusado de descobrir o segredo da confissão e perguntar o nome dos cúmplices nos pecados contra a castidade, procedendo da mesma forma o padre José de Brito e Sousa, vigário do Rio Vermelho no Serro Frio, que, mais ousado, perguntava aos penitentes o endereço das mulheres que tinham sido parceiras nos pe-

cados da sensualidade. O padre Marcos Soares de Oliveira, de Igarapé (Pernambuco), quebrava o sigilo da confissão dizendo aos senhores os pecados carnis das infidelidades de suas esposas. O padre Francisco Moura Brochado, de Paracatu, além de pedir os nomes dos cúmplices, perguntou certa feita a uma escrava "se levava recados de sua senhora para algum homem"; a negra deu tal grilo no confessorário que o escândalo se tornou público em toda a freguesia.

Todas, condutas gravemente proscritas pelo direito canônico, contudo, poucos foram os "sigilistas" do Brasil colonial que chegaram a so-



Membro da Academia Maçonica de Letras de MS, Patrono Irmão Mestre Babo Cadeira - 6

frer as penalidades impostas pelo direito canônico. Entre os condenados, cite-se o vigário de Santana da Campina, em Belém, denunciado na Visitação (Inquirição) ao Estado do Grão-Pará.

Referência bibliográfica

COSTA, Carlos Frederico Corrêa da (pela transcrição e adaptação) de: MOTT, Luiz. Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu in: NOVAIS, Fernando A. (org.), História da vida privada no Brasil 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 212-214.